
RECENSÕES / BOOK REVIEWS

Viagens de uma viajante: Ecos de vida de uma educadora-cidadã

Vasconcelos, Teresa (2018). *Viagens de uma viajante: Ecos de vida de uma educadora-cidadã*. Porto: Edições Afrontamento.

Agradeço à Teresa Vasconcelos o convite para apresentar o seu livro.

Quero pedir desculpa à Teresa: sou muito indisciplinada nas minhas leituras e receio não ser capaz de transmitir a riqueza e diversidade de saberes, experiências, ações que o livro encerra.

Este livro faz história porque o testemunho da Teresa, pelo seu compromisso, pelos lugares onde esteve e trabalhou, sendo um riquíssimo relato de vida é também a história das últimas décadas antes e desde a revolução de Abril de 1974. Utilizando as palavras da Maria Emília Brederode Santos no prefácio «É pois um documento histórico – da História da Educação certamente, mas História de Portugal. Revivemos, através da Teresa, o modo de vida de uma criança numa família tradicional, católica, burguesa, no Porto dos anos 50-60, as experiências escolares» (p. 12).

Na minha modesta opinião é um livro muito bem escrito (a Teresa queria ter sido escritora, mostrou que o tem sido, e está a sê-lo agora) é um livro que me impressionou designadamente pela riqueza das memórias, experiências de vida, sentimentos. Só quem gosta de escrever e escreve pode guardar memórias tão ricas e detalhadas.

A Teresa conta que sempre escreveu vários tipos de textos: «Deu-me muito gosto fazer por escrito a descrição e análise reflexiva do meu percurso profissional. Não abordo aqui aspectos mais pessoais. Ou histórias mais dolorosas que envolveram outros /as porque são do domínio ético e assim devem permanecer» (p. 154). Estamos face a um percurso pessoal e profissional de uma grande riqueza «conquistado a pulso», como diz a Teresa, e encarado com uma enorme humildade.

Apreciei ao longo da obra o talento e capacidades de escrever, de analisar práticas e de fazer da vida e da prática ponto de partida para a formação, que foram seguramente determinantes na sua ação como formadora! O livro tem um prefácio da Maria Emília Brederode Santos e um posfácio do Rui Canário e está organizado em 19 capítulos. Nestes vai desfilando a vida da Teresa menina numa família numerosa de sete filhos (lindos, digo eu, a julgar pela deliciosa fotografia, inserida no livro, a não perder, em que estão enfileirados numa escada), adolescente que viveu o grande trauma da morte prematura do pai médico, a herança da mãe escritora de quem acha que herdou o gosto pela escrita e pela leitura, a educadora de infância, a estudante de mestrado e doutoramento nos Estados Unidos da Amé-

rica, a professora designadamente da Escola Superior de Educação de Lisboa, a activista que segue Paulo Freire na educação de adultos, o trabalho no Graal, mais tarde o MEM, e a reforma agora também e ainda ao serviço das causas que tem assumido mas com mais tempo para ler, escrever, reflectir «hoje estando muito ativa escolho aquilo que faço» (p. 19).

Uma frase que resume um novo tempo na vida da Teresa. Em todos os tempos uma grande abertura ao mundo viagens estágios, formações recebidas e dadas em vários continentes.

É-nos oferecida uma leitura de poemas e citações de grande beleza que, pelas opções realizadas, nos ajudam também a conhecer melhor o mundo da Teresa: «não consigo viver sem a poesia. Não há praticamente um dia em que não leia pelo menos um poema» (p. 19).

Segundo Rui Canário no posfácio: «A presença da Arte na narrativa profissional de Teresa Vasconcelos e na sua maneira de ver o mundo é uma constante. Desde logo no amor pela poesia que a caracteriza» (p. 161).

Mas há também a música, o cinema, os debates.

A paixão pela literatura e pela poesia vem de muito cedo. No final do secundário, ganhou em dois anos seguidos, os jogos florais do Liceu Carolina Michaelis (Porto) com poemas, contos e uma peça de teatro com sabor vicentino.

Há também no livro a ilustração através de uma diversidade de fotografias de várias etapas da sua vida, retratos com aquele sorriso muito característico.

Como já referi, sendo impossível apresentar toda uma história de vida elegi algumas dimensões do livro que tentarei partilhar convosco, e que apresentarei organizada em quatro momentos (espero espicaçar a vossa curiosidade para a leitura de todo o livro).

A escolha prende-se com momentos reveladores, quer da capacidade de resolver problemas e contribuir para melhorar a vida de crianças e adultos, quer de diferentes etapas da educação em Portugal.

Primeiro momento: a pobreza das instituições, a luta de uma educadora para a transformação da vida das crianças que teve a seu cargo

Este primeiro momento diz respeito ao estágio profissional realizado no âmbito do curso de educadora de infância na creche de Cedofeita. Escolhi trazê-lo aqui por ser revelador da vida das crianças naquelas instituições onde havia uma tremenda pobreza. O texto mostra, segundo a autora «o que era a educação pré-escolar nos anos 60/70, salvo para o que se passava no ensino particular a que muito poucas crianças tinham acesso» (p. 45).

É revelada de modo dramático a evolução que a Teresa e a colega estagiária conduziram a partir de um depósito de crianças, para a invenção de uma creche, processo que constituiu um momento muito rico de desenvolvimento profissional. Nesse tempo de estágio vemos (literalmente, tal é o interesse da descrição) momentos de pânico, face a situações inimagináveis, mesmo «temerárias» – que foram sendo ultrapassadas com muita dedicação, espírito de pesquisa e capacidade de resolução de problemas (p. 41). São descritos com humildade erros e sobressai a grande vontade de proporcionar às crianças condições para o seu desenvolvimento. Tratava-se de um meio extremamente pobre (meninos «da pesada»... das ilhas – antigos bairros operários do Porto): «não sei muito bem como sobrevivemos... só porque éramos bem dispostas e cantávamos muito» (p. 39).

Descreve um enorme salão sem nada para as crianças brincarem, elas ficavam numa espécie de galinheiro e dormiam em dois turnos, meninos com bibes que pareciam presidiários, muitas ameaças.

Imagine-se um filme de terror com bruxas. A Teresa e a colega foram aprendendo a lidar com as senhoras que lá estavam a dar-lhes a volta, «adoçando-lhes o coração» (p. 40).

É relatado um processo de transformação que foi lento, assumido pela paróquia. Nele cruzou-se com D. Manuel Martins mais tarde bispo de Setúbal.

É fascinante a mudança pedagógica e os progressos conseguidos. Inventaram materiais a partir de desperdícios e conseguiram proporcionar às crianças um meio rico pedagogicamente.

Saliento aqui a invenção de condições para contornar a pobreza tão característica daqueles tempos... onde outros/as teriam baixado os braços.

Entre várias estratégias... «o desenvolvimento de temas da vida» (p. 42).

Ao ler a descrição destes tempos *imaginei um belo filme...*

Apesar de ter outras opções no final do estágio escreve: «preferi continuar na creche de Cedofeita com os meninos ranhoso, piolhosos, a cheirar a xixis» (p. 42); «tornámos as salas de actividades lindas e acolhedoras e as crianças aprenderam a respeitar os materiais...» (p. 43); «fui encontrando muita alegria no exercício profissional» (p. 43).

Desta realização profissional desconfiavam as amigas da mãe da Teresa revelando uma atitude de desvalorização da profissão de educadora. Diziam: «tratar dos filhos dos outros?» (p. 44).

Mas a Teresa considera que «este estágio foi uma “grande escola de vida”!» (p. 45) que lhe permitiu designadamente sentir as situações de *burn out* que vivem tantas educadoras esgotadas (p. 46).

Segundo momento: 25 de Abril, o Graal, a alfabetização

O segundo momento foi vivido em Viana do Castelo. A vida da Teresa transporta-nos ao que foi, para muitos de nós, o 25 de Abril. Um belo testemunho para as gerações futuras. A consciencialização política... «não havia limites para o nosso desejo de uma sociedade mais justa» (p. 53).

As recordações da Teresa, lembraram-me uma interrogação que me vem por vezes à memória: Como é que o tempo dava para tanto? Como foi possível criar tão rapidamente novas formas de atuação?

A actividade profissional foi vivida na Escola Normal de Educadoras de Infância de Viana do Castelo. Mais uma vez a invenção de condições de trabalho «a partir do nada» (p. 51).

A seguir ao trabalho havia a alfabetização de adultos numa aldeia à saída de Viana, utilizando o método Paulo Freire. Havia ainda as reuniões no Sindicato dos Professores no Porto até às 4 da manhã, onde foi a primeira representante das educadoras... e aulas às 8.30 em Viana!

A alfabetização e a educação popular, a consciencialização social e a educação infantil surgem então ali como dimensões muito importantes e articuladas entre si no processo de desenvolvimento das populações.

A descrição ilustra de forma muito significativa a organização do processo de alfabetização: alegria, solidariedade, capacidade de intervenção pedagógica e social... aprendizagens reais, desenvolvimento da autoestima dos formandos.

Como não chegasse ao trabalho... organizava na sua casa reuniões de católicos de esquerda ao domingo. A consciencialização do papel das mulheres vem deste tempo, marcado por um encontro de grande significado com o Graal de que é membro há 45 anos, através do qual vai regressar ao Porto onde desenvolve uma vez mais um trabalho pioneiro de animação infantil em meio rural. E mais uma vez a criatividade e a invenção de meios de trabalho onde não os havia.

(O trabalho difícil com meios sensíveis voltou a repetir-se mais tarde em Nova Iorque, onde foi fazer o mestrado, algum tempo depois... onde mais uma vez surge a dimensão de intervenção social.)

A defesa dos direitos das mulheres vai marcar a partir daí o percurso da Teresa. É uma característica do Graal, que tem sido uma grande escola nesta matéria. Mas nem tudo foram alegrias... refere algumas rupturas motivadas por razões de divergência política, inerentes àquele tempo, vividas dolorosamente.

Terceiro momento: levar o ser e o saber para as políticas públicas como Diretora-Geral

Com pena irei saltar outras dimensões do percurso da Teresa entre as quais a riquíssima experiência de formação em contextos internacionais para abordar um terceiro momento que seleccionei para trazer aqui: a marca como dirigente da administração central.

Para muitos o que fica destas experiências é sobretudo a tarefa burocrática. Não é o caso, como se pode ver por exemplo em duas políticas bem ilustradas no livro.

A expansão da rede do pré-escolar e o modo como foi realizada e a reestruturação dos currículos do ensino básico.

Em matéria do pré-escolar foi sábia a estratégia realizada por se ter rodeado de pessoas muito competentes que a reconheciam e com visão na matéria e por ter conseguido uma articulação de recursos. O acesso e a orientação do pré-escolar sofreram profundas mudanças.

É relatado o esforço realizado para a integração de Portugal no exame externo à educação pré-escolar da OCDE.

Lamenta ter perdido a batalha do reconhecimento de que a educação deveria começar aos 0 anos e não aos 3, causa que vai retomar designadamente numa recomendação («agenda escondida») que realizou mais tarde como conselheira do CNE, quando eu tive responsabilidades na instituição, e que tarda! Infelizmente ainda a aguardar concretização.

As orientações curriculares para o pré-escolar foram uma marca decisiva.

Mais uma vez se encontra a preocupação com os materiais de apoio à inovação que se pretendia desenvolver, essenciais para a compreensão das propostas e para prevenir equívocos e estereótipos que são tão frequentes em processos de mudança.

No que diz respeito à reestruturação dos currículos do ensino básico, para mim que ando há tantos anos no terreno a apoiar mudanças no ensino, o projeto nacio-

nal de reflexão e a consulta muito alargada que dirigiu foi a estratégia mais acertada das últimas décadas. A proposta que dela surgiu foi extremamente inovadora na sua preocupação com o abandono escolar e apesar das reações negativas, desencadeadas por interesses corporativos foi bem recebida por muitos. Digo eu... falharam sobretudo uma estratégia adequada para o apoio à implementação e os materiais de apoio... mas aí já não era a Teresa a gerir o processo. Gostaria de salientar que aqui como em outros processos de mudança descritos foi patente a preocupação com a criação de espaços de reflexão e com estratégias de apoio aos educadores e professores. São ainda referidos episódios de procura de uma gestão no feminino e da humanização dos serviços.

Quarto momento: a professora e investigadora. A educação de infância como campo de pesquisa e intervenção

Este último momento que atravessou grande parte da vida da Teresa diz respeito a funções docentes e de investigação.

A chegada a esta casa e ao politécnico dá-se num momento de procura de afirmação das nossas instituições. A preocupação com a qualidade do ensino, com a preparação dos alunos para serem bons profissionais e com a afirmação no domínio da investigação estão sempre presentes no livro e sobressaem do elenco de publicações aí referidas.

Há a grande importância atribuída ao trabalho com os alunos, com os colegas e a vasta e reconhecida actividade em matéria de investigação a que se dedicou, apesar do número excessivo (discriminatório digo eu) de horas docentes que pesa sobre os professores do politécnico.

Para contrariar a discriminação a que estiveram e ainda hoje estão muitas vezes votadas, as escolas politécnicas precisam de pessoas que se afirmem no campo da educação e da ciência, como é o caso.

Foi tão merecida a condecoração como Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública!

Retomo o subtítulo «*Ecos da vida de uma educadora cidadã*» Considero que a Teresa Vasconcelos esteve sempre, onde achou que a sua acção era necessária, onde a sua presença fazia a diferença, onde foi preciso intervir, construir projectos, apoiar pessoas. Pensou nela própria, na sua formação, mas sempre com o objectivo de a projectar no mundo e de o

melhorar. É uma mulher de causas. É uma cidadã e é uma educadora.

A cidadania é isto.

Portugal, as crianças portuguesas e a nossa escola pública ficaram bem melhores com a acção da Teresa.

Ana Maria Bettencourt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal